

O SURDO E A ESCRITA NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA: UM ESTUDO DE CASO *

Maria Christina de Mello MIDENA

RESUMO *O presente trabalho propõe-se a refletir sobre a aquisição da escrita por surdos congênitos, na clínica fonoaudiológica, à luz das elaborações teóricas do interacionismo em Aquisição de Linguagem. Ao considerar a aquisição da escrita como processos de subjetivação, chamei atenção para os efeitos de um percurso de leituras e produção de textos na aquisição da escrita, abordando-os como efeitos da linguagem sobre a própria linguagem. Na discussão sobre o papel dos textos literários selecionados para leitura, o papel daqueles que eu mesma escrevo com os surdos como participante de uma atividade conjunta e o papel dos rascunhos compartilhados, que sempre permeiam nossa atividade escrita na clínica, procurei destacar que sua incidência sobre os textos dos surdos é da ordem da interpretação, ou seja, seu papel é o de permitir outro texto, possibilitando a emergência dos surdos como sujeitos nas brechas das cadeias significantes dos seus textos. Além disso, o deslocamento da questão da língua materna de uma hipótese cronológica de primeira língua para um conceito metodológico em aquisição de linguagem, tal como formulado por Pereira de Castro, possibilitou-me repensar as relações entre surdez, aquisição da oralidade e aquisição da língua de sinais.*

ABSTRACT *The present work proposes to reflect about writing acquisition by congenital deafs in clinical speech's pathologist, with the theoretical elaborations of interacionism in Language Acquisition. By considering the writing acquisition as subjectivity's processes, I pointed out to the effects of a course of readings and texts'production in writing acquisition, taking them as effects of language over the own language. On the discussion about the role of literary texts selected to read, the role of that ones which I write with the deafs as a charing activity and the role of conjoined drafts, which always takes place in our activity in the clinic, I tried to bring the incidence of them over the deafs' texts as a question of interpretation's order, and*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 27 de fevereiro de 2004, orientada pela Profa. Dra. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro.

in that way their role is to allow other text, bringing the subjectivity's emergence of deafs in the significant chains' intervals of their texts By dislocating the question of the mother langue as the first langue to a methodological concept in language acquisition, as formulated by Pereira de Castro, the relationships between deafness, oral language acquisition and sign language acquisition are taken into reconsideration.

Este trabalho é o resultado da minha atividade com a escrita de surdos congênitos desde 1983 na clínica fonoaudiológica. Tal atividade levou-me a discutir algumas das hipóteses sobre a aquisição de linguagem pelos surdos e a procurar, no campo da aquisição de linguagem, os elementos necessários para a interpretação e reflexão sobre o fazer na clínica. Em outras palavras, posso dizer que o percurso clínico levou-me à necessidade de dar um passo a mais além da intuição que me guiava, procurando criar um espaço em que os resultados da minha atividade como fonoaudióloga pudessem ser acompanhados de uma reflexão teórico-metodológica.

Nesse sentido, este espaço foi criado na medida do material clínico, isto é, tomou rumo a partir do momento em que me dei conta de que seria necessário reconhecer, antes de tudo, que eu tinha em mãos fatos de linguagem e que só tomando-os como tal, eu poderia realizar um trabalho sobre o meu próprio trabalho, apagá-lo de certa forma, para deixar vir à tona as mudanças na relação do surdo com a linguagem, analisadas a partir da hipótese que considera a aquisição da escrita por surdos congênitos como processos de subjetivação.

Tal percurso não poderia ser feito sem a passagem pelo interacionismo em Aquisição de Linguagem com a reflexão de certos autores como Lemos, C.T.G (1998, 2000, 2002), Pereira de Castro (1998, no prelo), Behares (1995), Mota (1995), Calil (1995), Bosco (1999) e Bernardes (2002). O caminho de reflexão que pude realizar sobre o surdo e a escrita, com suas qualidades e limites, nasceu do meu diálogo particular com estes trabalhos e seus desdobramentos.

De fato, a reflexão sobre a minha atividade com a escrita de surdos congênitos na clínica levou-me a fazer um levantamento preliminar sobre os diferentes métodos empregados na prática educativa com surdos, discutindo o papel da oralidade, da língua de sinais e da escrita nesse processo.

Procurei mostrar que tais métodos estavam alicerçados em noções de aprendizagem/ensino, deslocando assim uma questão de ordem linguística – a aquisição da escrita – para uma questão de ordem pedagógica.

Esse deslocamento sustenta-se tanto na noção de que a escrita é uma representação da linguagem oral e/ou da linguagem de sinais, como na concepção de que o sujeito surdo é um indivíduo situado “fora” da linguagem e à qual ele deve ter acesso para que possa exercer controle sobre ela, como aquele que a contempla. Desse modo, a escrita ocupa um lugar subalterno em relação ao fonocentrismo e/ou ao privilégio dos sinais. Em outras palavras, à escrita é reservado um lugar sempre exterior, um objeto a ser

apreendido; seu papel é secundário em relação ao da fala e ao dos sinais, aos quais cabe a ela representar.

Partindo-se da noção de escrita como representação, o papel central é dirigido à percepção e à cognição que, situadas num plano interno, comandariam a apreensão do objeto situado externamente (a escrita). A noção da escrita é a de um objeto estável, que é substancializado e ao qual se atribui um funcionamento definido *a priori*, com a tendência de buscar fora da linguagem, especialmente na Psicologia e na Biologia, as explicações para os fenômenos lingüísticos dos surdos. Percebe-se, assim, a cisão entre sujeito surdo e linguagem, colocando-o num plano externo a este objeto do qual ele deve se apropriar por meio de técnicas de ensino/aprendizagem.

Porém, é digno de nota que uma outra concepção de linguagem tem afetado o trabalho com surdos na clínica fonoaudiológica e no ensino especial. A partir das contribuições teóricas da Análise do Discurso, guiados por uma concepção de sujeito tal como desenvolvida por Orlandi (1990, 1996, 1997) e recorrendo também a outros estudos como o de Brandão (1996) e Calil (1995), os profissionais da área têm trazido para a prática clínica e escolar com surdos uma discussão sobre as relações entre língua/discurso/texto e sobre a noção sujeito.

Assim sendo, a linguagem oral e a linguagem de sinais têm sido tomadas como práticas de textualização. Entretanto, ao mesmo tempo que tais profissionais recorrem à noção de efeito-autor pelo qual, imaginariamente, o sujeito se toma como responsável por aquilo que diz e escreve, como origem de sua própria fala/escrita (cf. Orlandi, 1996), a interação é tomada empiricamente, qualificando o fonoaudiólogo ou professor como parceiros na construção da linguagem, como mediadores dos processos discursivos e a linguagem como um objeto a ser apreendido.

As interrogações que foram surgindo ao longo de minha reflexão sobre a relação entre surdez e aquisição de linguagem criaram a necessidade de uma reformulação teórica, conduzindo-me, então, às hipóteses do interacionismo em Aquisição de Linguagem.

A filiação às hipóteses do interacionismo em Aquisição de Linguagem foi, portanto, fundamental para imprimir um novo olhar sobre a escrita dos surdos em minha atividade clínica, sobretudo pela possibilidade que elas oferecem de interpretar os efeitos da leitura e produção de textos na aquisição da escrita pelos surdos como efeitos da linguagem sobre a própria linguagem (cf. Lemos, 1998). Ao reconhecer os efeitos desse funcionamento lingüístico, e a partir de um registro longitudinal das produções escritas de uma surda congênita que fala e escreve, V., no período de 03 de Março de 1997 até 12 de Março de 2003, durante um encontro semanal de 60 minutos, nasceram as questões centrais dessa tese: as relações entre oralidade e escrita, o papel do texto no trabalho realizado na clínica e a especificidade da interpretação na aquisição da escrita por V..

Ao chegar à clínica, V. tinha 7 anos e 6 meses de idade e estava adaptada a dois aparelhos auditivos retroauriculares. Filha de pais ouvintes e com uma irmã ouvinte de

9 anos, V. estudava na 1ª série da Escola Estadual “Lívio Marcos Guércia”, no município de Diadema, em classe regular de ensino.

Ela permaneceu estudando no ensino regular público de Diadema durante todo o período do registro, sendo que em 2003 estava cursando a 7ª série regular na Escola Estadual “Marie Nadir Calfat”, além de participar de aulas de Língua Brasileira de Sinais (L.I.B.R.A.S.), ministradas por instrutor surdo reconhecido pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (F.E.N.E.I.S.), em São Paulo, num encontro semanal de três horas com adolescentes e adultos, tantos surdos quanto ouvintes.

V. nasceu no município de Diadema, em 07/08/1989. É a segunda filha e, no 3º mês de gestação, sua mãe teve rubéola. Os pais foram orientados quanto à possibilidade de deficiências. A perda auditiva foi percebida por eles aos 8 meses de idade, porque notavam que V. não respondia à voz, e não se assustava com ruídos. Com esta suspeita, os pais procuraram serviço médico público no município de São Paulo, no ambulatório do Hospital São Paulo. Sua surdez bilateral severa foi efetivamente diagnosticada aos 2 anos e 2 meses. Fez terapia fonoaudiológica neste ambulatório a partir dessa idade, até os 3 anos e 4 meses, em atendimento semanal, sendo que os aparelhos auditivos eram usados exclusivamente durante as sessões. Com 3 anos e 9 meses, usava aparelhos auditivos regularmente no seu cotidiano. No período compreendido entre os 5 anos de idade até 7 anos e 4 meses, V. foi atendida por fonoaudiólogas da Escola Municipal de Educação Especial “Olga Benário Prestes”, do município de Diadema, em contexto de grupos de três crianças surdas, numa frequência de dois atendimentos semanais. No decorrer deste mesmo período, V. estudou em classes regulares na rede municipal de educação infantil de Diadema. Além disso, aos 8 anos e 8 meses, nasceu outra irmã ouvinte.

Ao começar a analisar os primeiros episódios da escrita de V., veio à cena um fato novo, e aparentemente paradoxal, nas relações entre oralidade e escrita em surdos congênitos. A leitura em voz alta, realizada pela própria surda, de seu próprio texto, promoveu efeitos de significação em uma escrita que, à primeira vista, barrava a interpretação. Esta, porém, ganhou uma certa visibilidade através do ato de leitura, pelas segmentações, encadeamentos que chamei, juntamente com Scarpa (1985, 1996, 1999) de coesão entonacional e produção de paratons narrativos em sua fala lida.

Nesse sentido, tomo o **episódio V4**, ocorrido em 12/05/97 a partir da escolha de cena de um quebra-cabeça, com os personagens Cebolinha, Mônica, Cascão e um macaquinho. V. escreveu o texto sozinha. Eis o **episódio** de escrita em questão:

Monica de conquistar ela Cebolinha fez Macaco até como para novo Você começa está pipoca comeu , da conquistar estão ela Não Novo obrigado Cebolinha foto Porque Na que bom Você macaco - cachorro , faz Não para Porque Monica até corre - saúde Novo conquistar para Na três flor Muito Bem saúde Não Novo Você ela Muito Bem mãe pai casa !

Este **episódio**, caracterizado por uma justaposição e condensação de palavras, de pedaços de enunciados, partes de textos, deixa entrever uma figuração textual, uma *gestalt* que não pode ser reduzida a relações da percepção visual e auditiva, mas que deve ser tomada como efeito da intensificação das relações de V. com textos, como efeitos de linguagem sobre a própria linguagem.

Para dar maior visibilidade a tais processos, cabe aqui apresentar o que diz Bernardes (2002) sobre a distinção entre a marcação gráfica realizada pelos sinais de pontuação e as pontuações virtuais potencializadas pelo caráter de pontuabilidade do texto, isto é, aquilo que a leitura em voz alta permite identificar como lugares possíveis de segmentação da cadeia sintagmática, não necessariamente marcados graficamente.

Assim como tão bem mostrou a autora em seu trabalho, pode-se dizer que a leitura de V. em voz alta deveria ser tomada como um ato de interpretação, que confere visibilidade a uma configuração textual dentre outras virtualmente possíveis, isto é, a leitura em voz alta traz à tona uma versão, que diz respeito a um sujeito específico e sua inserção na linguagem.

Nesse sentido, os cortes e as unidades que V. identifica em seus episódios escritos assinalam marcas de seu processo de interpretação, permitindo reconhecer ali a presença de um sujeito, que não é o sujeito da consciência que controla os sentidos do texto, mas sim um sujeito submetido ao funcionamento lingüístico, que tem uma singularidade de relação com a linguagem e que desponta como efeito de sua escrita.

Deste modo, os fragmentos do paratom de “contar histórias” desde **“Monica de conquistar... corre-“**, caracterizados predominantemente por contornos ascendentes ou ascendentes-descendentes são por mim reconhecidos como “próprios de contar histórias”, configurando um efeito de inteireza, ainda que se atribua a trechos da fala e não ao texto oral todo de V.. Em outras palavras, a parte segmental de V., oral e escrita, é solta, e não produz nenhum efeito nem de coesividade, nem de narratividade, pois não há narrativa do ponto de vista lexical e gramatical; porém, é o significante entonacional que promove tais efeitos na escrita de V., permitindo-me interpretar este fluir escrito como “algo da língua”, reconhecendo uma “história” neste preenchimento da imagem figurativa textual.

Por outro lado, os contornos descendentes, com longas pausas, emissões vocabulares, diminuição do volume de voz de V. e desaceleração da velocidade de sua fala lida, configurados no paratom de leitura de texto escrito de **“saúde Novo... casa!”**, surtem um outro efeito, já que o sentido vai à deriva.

Essas questões me instigaram a buscar uma reformulação de hipóteses sobre a surdez e a aquisição de linguagem, no que diz respeito às mútuas relações constitutivas entre oralidade e escrita pela surda V..

Para discutí-las, parti das hipóteses de Mota (1995) e Bosco (1999) sobre aquisição de linguagem oral e escrita para a criança dita “normal”, isto é, ouvinte.

As autoras citadas afirmam que a significação das formas gráfico-textuais pela oralidade parece estar na origem de muitas das mudanças que ocorrem na relação da

criança com a linguagem escrita. De fato, seus fragmentos de textos escritos podem entrar em relação com os textos orais (diálogos) entre criança-professor, entre criança-criança, ganhando uma interpretação pelo efeito da fala do outro. Como ressalta Bosco, oralidade e escrita são formas de realização do simbólico, são materialidades mutuamente constitutivas no/pelo funcionamento da linguagem.

Já Behares (1995) discute efeitos da linguagem oral da mãe ouvinte sobre a aquisição de linguagem pelo bebê surdo. Para tal, o autor faz uma outra interpretação do “simbolismo esotérico”, trazendo-o como efeito do funcionamento lingüístico materno, à luz das hipóteses do interacionismo em Aquisição de Linguagem.

Behares toma a expressão “simbolismo esotérico” de Tervoort (1961), que, por sua vez, a cunhou para expressar o conjunto de recursos comunicativos entre o bebê surdo e mãe ouvinte, recursos que não são compreensíveis nem por falantes da língua oral, nem por usuários da língua de sinais da comunidade surda local, mas que funcionam como algo semelhante a uma língua apenas para o bebê surdo e sua mãe ouvinte. Com efeito, Behares valoriza justamente os fenômenos desta interação, em que a fala da mãe ouvinte (o outro) produz efeitos na aquisição de linguagem oral pelo bebê surdo.

Essa questão apontada por Behares possibilita-me repensar a relação da oralidade e da língua de sinais com a questão da língua materna dos surdos.

A propósito, há casos de surdos que apresentam um funcionamento lingüístico marcado tanto pela oralidade como pela língua de sinais. Ao mesmo tempo, há aqueles que mostram um funcionamento lingüístico marcado somente pela língua de sinais, ou ainda, casos cujo funcionamento se caracteriza somente pela oralidade. Tais casos levaram-me a indagar sobre a possibilidade de a língua materna ser constituída por mais de uma língua, isto é, por materialidades lingüísticas diferentes na sua aquisição.

De fato, diversas teorias que tentam explicar o processo de aquisição de linguagem propõem uma definição de língua materna como um objeto certo e sem equívocos, diretamente acessado numa seqüência cronológica de desenvolvimento das línguas.

Pereira de Castro (1998, no prelo) porém, a partir dos trabalhos de Milner (1978, 1982, 1989), procura uma articulação entre a discussão sobre o estatuto da fala da criança – fala heterogênea face à língua constituída – e o conceito de língua materna. Tal articulação é a base para deslocar a questão do âmbito da hipótese cronológica e tomar a língua materna como conceito metodológico em aquisição de linguagem.

O passo dado leva a autora a dizer que a aquisição da língua materna põe o sujeito na posição de falante, isto é,

passa a qualificá-lo a partir desse momento lógico de captura por um modo de funcionamento, sempre dividido entre *lalangue* e língua, o que me permitiu em trabalhos anteriores afirmar que a língua materna deva ser compreendida como uma experiência única, impossível de ser esquecida mesmo quando a julgamos perdida, mesmo se não a reconhecemos mais na superfície da fala, mesmo se falamos uma língua estrangeira.

(...) Por outro lado, espero ter podido mostrar que a hipótese acima, que considera a língua materna a partir da incidência de um funcionamento lingüístico sobre o *infans*, transformando-o em um ser de linguagem, não se resume à simples questão cronológica, ao

fato de a língua materna ser a primeira língua. O traço de incomensurabilidade que a define diz respeito a uma mudança de posição subjetiva, uma trajetória que não se repete e que a aquisição de linguagem dá a ver (Pereira de Castro, no prelo, p. 11).

Segundo a autora, o argumento sobre a especificidade da língua materna tem o seu corolário: em certas situações pode-se supor que a língua materna seja constituída por mais de uma língua, isto é, por materialidades lingüísticas diferentes.

Não se trata, no entanto, de uma formulação sobre o bilingüismo, já que para Pereira de Castro este se caracteriza por uma relação entre duas totalidades de língua bem definidas. Trata-se na verdade de “uma experiência – entendida como um vivido – atravessada por línguas, etnias ou culturas diversas” (op cit, p.12). É importante ainda assinalar que nem sempre há o reconhecimento deste saber pelo sujeito e muito menos, é claro, o uso que caracterizaria o chamado bilingüismo. Por essas razões, a autora assume a hipótese, “aparentemente paradoxal”, de que “a língua materna é inesquecível, mesmo quando não a reconhecemos na superfície da fala” (op.cit., idem).

Embora o desdobramento dessa hipótese sobre língua materna como conceito metodológico com as relações da oralidade e língua dos sinais pelo surdo ultrapasse os limites desse trabalho, esta questão deve, a meu ver, constituir um alerta às discussões sobre a política educacional dos surdos, discussões que muitas vezes afirmam apressadamente e de antemão qual é a língua materna do surdo.

Certamente, tais considerações acarretam uma reformulação de hipóteses entre surdez e aquisição de linguagem, com reconhecimento da pertinência das mútuas relações constitutivas na aquisição da linguagem oral e escrita para surdos como V. Tal reconhecimento poderia ser estendido para as relações entre surdez, aquisição da língua de sinais, da oralidade e escrita, assim como para relações entre surdez, aquisição da língua de sinais e escrita.

Chego assim a um ponto da reflexão, em que o deslocamento no sentido do termo “representação” através do recurso à Psicanálise tem uma relevância estrutural para a discussão da aquisição da escrita pelo surdo.

Para Mota (1995, p.105), ao se examinar a desconstrução feita por Freud do conceito de representação, deslocando-a do lugar de “entidade psicológica” para reconstruí-la como significante ou entidade lógica, chega-se a uma nova compreensão

da percepção, da memória, das funções psíquicas de um modo geral. Em outras palavras, emerge um novo modelo do aparelho psíquico e, como não poderia deixar de ser, uma nova teoria do sujeito e do processo de conhecimento (op. cit., idem).

Essa desconstrução da noção de representação foi elaborada por Freud em textos bem iniciais de seu trabalho, entre eles, **Para uma Conceção das Afasias** (1987, 1891), **O Projeto de Psicologia** (1973, 1895), **Carta 52** (1986, 1896), **A Interpretação dos Sonhos** (1987, 1900) e **O Bloco Mágico** (1973,1925).

Já no texto de 1891 sobre as afasias, Freud fala de um aparelho que coloca o sujeito no circuito do outro pela relação com outro aparelho de linguagem, afastando-

se da noção de um aparelho perceptivo que colocaria o sujeito frente a frente com as coisas do mundo. O próprio conceito de aparelho de linguagem implica a noção de inconsciente e as representações não pressupõem faculdades mentais anteriores à linguagem.

É possível interpretar as unidades presentes na fala/escrita de V. como representações no sentido que a Psicanálise dá ao termo, ou seja, significantes, ou feixes de relações, enfim como uma rede de relações.

Tal rede não é fruto de mecanismos perceptuais, como apreensão de letras, sílabas, palavras, como diz Mota (1995), mas sim, fruto da captura de V. pela escrita que, por sua vez, depende de sua relação com a materialidade do texto e com as leis de funcionamento da linguagem.

Aliás, cabe aqui especificar o que Lemos (2002) diz sobre a **captura**:

O que a mim pareceu, então, coerente com essa autonomia e alteridade radical da língua foi dar a ela, à língua, a função de **captura**, entendida como estenograma ou abreviatura (sobre esse conceito metodológico, ver Milner 1989) de processos de subjetivação. Considerada sua anterioridade lógica relativamente ao sujeito, o precede e, considerada em seu funcionamento simbólico, poder-se-ia inverter a relação sujeito-objeto, conceber a criança como capturada por um funcionamento lingüístico-discursivo que não só a significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou (op. cit., p. 55).

V. é capturada pelo funcionamento lingüístico-discursivo-textual, e no interior desse quadro, seu processo de aquisição da escrita, na clínica, passa a ser definido como processo de subjetivação.

Neste panorama, chamo atenção para o papel dos textos literários selecionados para leitura, para o papel dos textos que escrevo com V., como participante de uma atividade conjunta, e o papel dos rascunhos compartilhados que sempre permeiam nossa atividade escrita na clínica.

É interessante destacar que as questões levantadas sobre o papel do rascunho foram, em parte, inspiradas na teorização da Crítica Genética na obra literária elaborada por Willemart e também conforme Calil, que utiliza tal teorização para discutir as rasuras na aquisição de linguagem escrita infantil como efeitos do processo de produção escrita da criança.

De fato, o papel desses textos em relação aos textos de V. é da ordem da interpretação, colocando-a dentro da/na escrita, ou seja, o papel desses textos é o de evocar outro texto, possibilitando que V. desponte como sujeito nas brechas das cadeias significantes dos seus textos (cf. Mota, 1995, p. 252).

Dentre os vários efeitos das relações desses textos sobre a escrita de V., na atividade clínica, caberia ressaltar a repetição para além de uma mera cópia, a contingência daquilo que faz texto, a pontuação que emerge na leitura em voz alta de V., os erros cometidos por V., o ditado como indicativo do movimento das mútuas relações constitutivas na aquisição da linguagem oral e escrita por V., as relações entre o movimento de ida sobre as direções do texto e do movimento de volta sobre o que foi escrito nas rasuras

do rascunho compartilhado, e uma certa homogeneização, isto é, um texto de certa forma interpretável pelo leitor, embora guardando sempre a singularidade que se observa nos diversos níveis de análise na escrita da surda.

Com este trabalho, convoco educadores ouvintes e surdos para que reconheçam a natureza subjetivante dos processos simbólicos que suportam os atos do ler e escrever, os atos do falar, os atos dos sinais por suas condições mesmas dos eventos de linguagem.

Em outras palavras, fica aqui um convite para que tais educadores do ensino especial, integrado e regular, e da clínica fonoaudiológica reflitam teoricamente sobre a hipótese da aquisição da escrita por surdos congênitos como processos de subjetivação.

De fato, tal hipótese irá trazer à tona a necessidade de se intensificarem as relações com textos literários para leitura, as relações com textos escritos pelos professores, fonoaudiólogos, colegas surdos e ouvintes a partir dos textos lidos, a necessidade de se intensificarem, enfim, as relações com os rascunhos e suas rasuras, para que efetivamente tenha lugar o efeito de texto que essas relações propiciam na escrita dos surdos; tanto daqueles que falam e escrevem, como daqueles que sinalizam, falam e escrevem, ou ainda, daqueles que sinalizam e escrevem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEHARES, L.E. (1995). *“O Simbolismo Esotérico na interação mãe ouvinte-criança surda revisitado”*, trabalho apresentado no curso “Aquisição da Linguagem”, Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas(mimeo).
- BERNARDES, A.C. de A. (2002). *Pontuando alguns intervalos da pontuação*, tese de doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BOSCO, Z.R. (1999). *No jogo dos significantes, a infância da letra*, dissertação, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BRANDÃO, H.H.N. (1996). *Introdução à Análise do Discurso*, Campinas, Edit. Unicamp.
- CALIL, E. (1995). *Autoria (e)feito de relações inconclusas- um estudo de práticas de textualização na escola*, tese de doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FREUD, S. (1987). *Contribution à la conception des aphasies, une étude critique (Zur Auffassung Der Aphasien, Eine Kritische Studie, 1891)*, Paris, Presses Universitaires de France.
- _____. (1973). *Proyecto de una psicología para neurólogos (Entwurf einer Psychologie, 1895)*, In: *Obras Completas*, 3ª ed., Madrid,, Biblioteca Nueva.
- _____. (1986). “A carta 52”, In: MASSON, J. M. (ed.), *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1897-1904, (The Freud/Fliess Correspondance, 1985)*, Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1987). *A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung, 1900)*, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud; edição standard brasileira, com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistidos por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago.

- _____. (1973). *El 'block' maravilhoso* (Notiz über den "Wunderblock", 1924), In: *Obras Completas*, 3ª ed., Madrid, Biblioteca Nueva.
- LEMOS, C.T.G. (1995/1998). "Sobre a aquisição da escrita: algumas questões". In: ROJO, R.(org.), *Alfabetização e Letramento: perspectivas Lingüísticas*, 13-31, São Paulo, Mercado de Letras.
- _____. (2000). "Questioning the notion of development: the case of language acquisition", *Culture & Psychology* 6 (2), 169-182.
- _____. (2002). "Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação", *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 42, 41-69.
- MILNER, J.-C. (1978). *L'amour de la langue*, Paris, Seuil.
- _____. (1982). *Ordre et Raisons de Langue*, Paris, Seuil.
- _____. (1989). *Introduction à une science du langage*, Paris, Seuil.
- MOTA, S.B.V. (1995). *O Quebra-Cabeça da Escrita - a Instância da Letra na Aquisição*, tese de doutorado, Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo .
- ORLANDI, E. (1990). *Discurso e leitura*, Campinas, Edit. Unicamp.
- _____. (1996). *Interpretação - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, Petrópolis, Vozes.
- _____. (1997). *Gestos de leitura: da história no discurso*, Campinas, Edit. Unicamp.
- PEREIRA DE CASTRO, M.F. (1998). "Língua Materna: palavra e silêncio na aquisição da linguagem", In: JUNQUEIRA FILHO, L.C.U.(org.), *Silêncios e luzes: sobre a experiência psíquica do vazio e da forma*, 247-257, São Paulo, Casa do Psicólogo.
- _____. (1998). "Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança". In: *Letras de Hoje*, v. 33, nº 2, p. 81-87, Porto Alegre.
- _____. "Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna", Campinas, no prelo.
- SCARPA, E.M. (1985). "A emergência da coesão intonacional". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 8, 31-41.
- _____. (1996). "Duas marginalidades e falsas expectativas na aquisição da prosódia". In: PEREIRA DE CASTRO, M.F.(org.), *O método e o dado na aquisição da linguagem*, 87-110, Campinas, Editora da Unicamp.
- _____. (1999). "Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia". In: LAMPRECHT, R.R. (org.), *Aquisição da Linguagem- Questões e Análises*, 17-38, Porto Alegre, EDIPUCRS.
- TERVOORT, R.T. (1961). "Esoteric Symbolism in the communication behaviour of young deaf children". In: *American Annals of the Deaf*, 106, p. 436-480.
- WILLEMART, Ph. (1993). *Universo da Criação Literária*, São Paulo, Edusp.